

Editorial

Este é o segundo volume da Doispontos dedicado a Thomas Hobbes. O primeiro (volume 6, número 3) data de 2009, com Yara Frateschi como editora convidada. Os dois volumes contam com contribuições de pesquisadores brasileiros e argentinos, atestando que a troca entre os países é intensa quando se trata de se apropriar da filosofia de Hobbes e pensar a partir dela. Em 2010, o GT Hobbes da ANPOF foi fundado e, de lá para cá, uma série de encontros foram realizados no Brasil e na Argentina, com Hobbes fazendo o elo entre os dois países. No presente volume, o artigo de Luc Foisneau, traduzido por Marcelo Alves (a quem deixo aqui meus agradecimentos pelo ótimo trabalho), registra a relação entre este grupo de investigadores latino-americanos e os investigadores franceses. Ao incorporar um número significativo de trabalhos de jovens pesquisadores brasileiros e argentinos, o volume atesta ainda que Hobbes desperta um renovado, aprofundado e alargado interesse entre nós. Que o leitor considere, assim, o caráter documental deste volume.

Hobbes segue interessando por diversos motivos aqui documentados. A começar por ser o pai do moderno conceito de Estado, a partir do qual ou contra o qual tornou-se impossível pensar a política, especialmente na América Latina, onde o Estado precedeu a nação e onde ainda se clama por mais Estado, ao mesmo tempo em que se luta contra sua violência. Para calibrar nossa relação com esta ficção jurídica tão produtiva – como nos ensina Hobbes e salientam as contribuições de Cláudio Leivas e Clóvis Brondani – é preciso retornar muitas e muitas vezes ao *Leviatã*, obra seminal para a constituição do direito público moderno, como demonstram Wladimir Barreto Lisboa e Paulo MacDonald, e que deu suporte, como mostra Antonio David Rozenberg, para que na América se pensasse a questão, tão premente entre nós, da unidade nacional. Delamar Volpato Dutra e Rita Helena Gomes abordam, por seu turno, a questão correlata do suporte ético – racional e passional – que, de acordo com Hobbes, motiva, orienta e sustenta no tempo a instituição do Estado, enquanto Thomaz Spalaor e Delmo Matos da Silva detalham a maneira como Hobbes pensou os processos deliberativos que nos conduzem a essa instituição e nos comprometem com ela.

Hobbes interessa ainda – e muito – pelo singular lugar que ocupa na história da filosofia ocidental. Sua filosofia se constrói em diálogo intenso com os antigos, cujos ensinamentos retoma e transforma, como mostram Maria Liliana Stier, no que tange ao conceito de lei natural, Andrés Di Leo Razuk, no que diz respeito ao diálogo com Tucídides e Tácito, Patrícia Nakayama, no que se refere à tradição retórica, e Felipe Souza Santana, no campo da exegese bíblica. Mas Hobbes pauta também, de forma decisiva, uma nova agenda de temas e problemas, como mostram Clara de Carnicero Castro e Luc Foisneau, no que concerne, respectivamente, ao sensualismo de Condillac e Diderot e ao debate sobre a identidade pessoal em que se enredaram Locke e Leibniz. No cruzamento entre antigos e modernos, chama atenção de Celi Hirata e Mariana Kuhn, por sua vez, a enorme relevância do conceito hobbesiano de *potentia*, para a física, como mostra a primeira, e para a política, como mostra a segunda. Por fim, o artigo de Julian Alberto Ramirez Beltran fecha o volume mostrando que Hobbes segue vivo e desafiador ao sustentar, de forma heterodoxa, no início da modernidade, o matriarcado original.

Maria Isabel Limongi
Universidade Federal do Paraná / CNPq